

DO SERTÃO AO *ARRABAL* REPRESENTANDO A COMÉDIA DA VIDA
MODERNA

Eleonora Frenkel Barretto*

RESUMO : Discutem-se as categorias de verdade e objetividade nas narrativas de Euclides da Cunha e Roberto Arlt. Escrituras paradoxais que revelam a insuficiência das mesmas para dar conta de uma explicação cabal da sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha, Roberto Arlt, verdade, objetividade, paradoxo.

ABSTRACT: Truth and objectivity in Euclides da Cunha and Roberto Arlt narratives are discussed. Paradoxical writings which reveal that both categories are not enough to thoroughly explain modern society.

KEY WORDS: Euclides da Cunha, Roberto Arlt, Truth, Objectivity, Paradox.

En realidad, uno no sabe qué pensar de la gente. Si son idiotas en serio, o si se toman a pecho la burda comedia que representan en todas las horas de sus días y noches.

(Roberto Arlt, 2005a: 8)

Dá vontade da gente representar a ridícula comédia da virtude, de Catão, saindo por estas ruas de sapatos rotos, camisa em fiapos e cabelos despenteados. Que saudades da antiga simplicidade brasileira...

(Euclides da Cunha, 1995a: 722)

Na primeira crônica de *Atos e palavras* (1889), Euclides da Cunha define sua posição de intelectual: guiado pela busca da verdade e pautado na *frieza do raciocínio*, escreverá um *depoimento libelo* e será *testemunha e juiz*. O livro *Os Sertões* (1902) é apresentado como denúncia de um crime,¹ não como defesa, o que implicaria uma tomada de posição contrária aos criminosos, mas como relato dos acontecimentos de que o narrador² fora espectador ou tivera informações seguras,

* Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: eleonora.frenkel@cce.ufsc.br

¹ Segundo Bolle (2004, p. 35), “pelos parâmetros da retórica clássica, seu livro [*Os Sertões*] pertence ao gênero judiciário (*genus iudiciale*), aos discursos diante do tribunal”.

² Segundo W. Galvão (*Apud* Bolle, 2004, p. 38): “é uma ‘empresa vã, separar o autor do narrador’ d’*Os Sertões*, “porque o narrador não se ficcionaliza, nem mesmo ao portar a persona do tributo”. Segundo Bolle (2004, p. 38), “pelo fato de introduzir a figura de um narrador e falar de si mesmo na terceira pessoa, Euclides expressa uma atitude de autodistanciamento e auto-encenação, apesar das limitações do seu ‘narrador sincero’”.

obedecendo ao *rigor incoercível da verdade*.³ Razão e verdade seriam, portanto, princípios fundamentais em sua escritura e a verossimilhança dos fatos narrados seria a comprovação da integridade do intelectual. Ao contar a *situação insanável* que se desenhou no combate entre os expedicionários e os jagunços na localidade de *Tabuleirinhos*, a nota ao pé da página confirma a autenticidade do relato: “os incidentes desta jornada, devo-os ao depoimento fidedigno do Dr. Albertazzi” (Cunha, 1995a, p. 290).

Em outra ordem de crimes, o narrador do romance *Los siete locos* (Roberto Arlt, 1929) relata “três dias de atividades reais dos personagens” (Arlt, 2005, p. 75), onde se sucedem fraudes, seqüestros, assassinatos e traições. As informações seriam todas recolhidas por um cronista que recebera o protagonista *Augusto Remo Erdosain* em sua casa e anotara detalhadamente suas confissões, usando na narração *estritamente* os termos do próprio *Erdosain* (Arlt, 2005, p. 22), o que atestaria o tratamento fidedigno dado aos fatos. O caráter de crônica, entendida como narração de eventos “acontecidos”, completa-se com o testemunho de outros personagens e dados trazidos por algumas notícias supostamente extraídas dos jornais. O cronista insiste em destacar seu trabalho de transcrição como o princípio que garante a credibilidade do enunciado. Entretanto, embora ele represente, ficcionalmente, a garantia da realidade ou exatidão do narrado, sua função concomitante como personagem e comentador produz uma instabilidade no estatuto da narração. Sua função não se reduz a expressar a palavra de *Erdosain*, e suas constantes intromissões perturbam o efeito inicial, tornando suspeita a suposta objetividade da narração e, com ela, a veracidade da história. A narrativa apresenta-se, ao mesmo tempo e alternadamente, como “crônica verídica” e como “ficção novelesca” (Cf. Capdevila, 2002, p. 231-232).⁴

Ao longo da leitura de *Os Sertões* criam-se dúvidas quanto ao caráter de testemunho da narrativa e quanto ao tratamento objetivo dos acontecimentos, com passagens metafóricas e alegóricas que conferem subjetividade e literariedade ao texto, e dados que, contrastados com outras fontes, geram incertezas quanto a uma versão unívoca da História e da Verdade.⁵ Nesse

³ O método adotado por Euclides da Cunha para “encarar a história” foi introduzir o conceito de “narrador sincero” de Taine (Cunha, 1995, p. 100), um narrador “franco, verdadeiro, sem disfarces”, mas pouco convincente, conforme Bolle (2004, p. 37).

⁴ Gilman (1993, p. 83) afirma que a narrativa apresenta-se de forma instável como crônica, testemunho, comentário, ficção e romance.

⁵ Bernucci (1995, p. 30-31) confronta os dados de duas versões jornalísticas sobre um episódio de ataque dos jagunços à artilharia e as versões de Euclides da Cunha em *Diário de uma Expedição* e *Os Sertões*,

sentido, *Os Sertões* tem sido analisado como uma “obra de dupla inscrição”, “simultaneamente literária e científica” (Cf. Lima, 2000, p. 40) ou como uma “obra híbrida, que transita entre a narrativa e o ensaio, entre a literatura e a história” (Ventura *Apud* Bolle, 2004, p. 42).⁶

Situados em contextos bastante diversos - embora envolvidos pelo mesmo entusiasmo da modernidade (onde o progresso científico-tecnológico se apresenta como força motriz da história) -, sendo escritores com trajetórias muito distintas e tendo escrito obras tão incompatíveis à primeira vista, vale investigar um pouco mais a fundo como Euclides da Cunha e Roberto Arlt provocam abalos nas categorias de objetividade e verdade em suas narrativas. Estas, por sua vez, estão diretamente ligadas a doutrinas científicas e racionalistas dominantes no final do século XIX e início do XX, de modo que vale também questionar como aparece o discurso científico na obra desses escritores.

Ao contar o conflito em *Tabuleirinhos*, o narrador atesta a precisão do relato atribuindo-o ao depoimento do Dr. Albertazzi, que descreveu como se deu o início do combate, quais foram as armas utilizadas, qual foi o desfecho e quantos cadáveres restaram. Em meio à luta, a ação do jagunço que toma a frente da *onda assaltante* chama a atenção do narrador, que o descreve como *mameluco possante, de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto, campeador terrível* que ficou desconhecido para a história, mas que será lembrado pela “imprecação ativa que arrojou sobre a vozeria e sobre os estampidos, ao saltar sobre o canhão da direita, que abarcou nos braços musculosos como se estrangulasse um monstro: ‘Viram, canalhas, o que é ter coragem?!’” (Cunha, 1995a, p. 289).

Fica a dúvida, para o leitor, se essas seriam realmente palavras extraídas do fidedigno depoente ou se seria a intervenção do narrador. Onde fica a isenção axiológica deste último, a objetividade e o rigor, diante da caracterização heróica desse jagunço que não teme os canhões e que interpela as tropas com um sonoro: “canalhas”!? Até que ponto a narrativa estaria se atendo ao relato dos fatos ou estaria cruzando os limites do plausível para opor de forma simbólica a monstruosidade e a covardia das tropas diante da surpreendente e destemida resistência dos sertanejos?

concluindo que “o episódio que havia sido explorado na imprensa da época com tal denodo recebe de Euclides um tratamento singular carregado das tintas de Victor Hugo”.

⁶ Bolle (2004, p. 42) opta por chamar *Os Sertões* de ensaio, conforme a definição de Adorno do “ensaio como forma”, que “abrange tanto o aspecto científico-histórico quanto o estético-literário”.

Perturbando o efeito de credibilidade do enunciado e colocando sob suspeita a objetividade e a exatidão dos acontecimentos, confundem-se em *Los siete locos* o cronista, que testemunha e transcreve as confissões do protagonista, e o Comentador, que interfere constantemente com interpretações e comentários que ultrapassam os conhecimentos de *Erdosain*.⁷ No capítulo intitulado *A farsa*, reúnem-se os integrantes da *Sociedade Secreta* que organiza um *projeto revolucionário* sob a chefia do *Astrólogo*; entre eles, encontra-se um oficial do exército com um uniforme de Major. Incomodado com sua presença e com suas declarações, *Erdosain* exclama: “Es absurdo que estemos hablando de dictadura militar. A nosotros, sólo pueden interesarnos los militares plegándose a un movimiento rojo.” Diante disso, o *Astrólogo* revela o *poder da mentira* e a *comédia* que estavam representando: o Major seria um amigo disfarçado de militar. Entretanto, uma nota do comentador acompanha a revelação, afirmando: “Más tarde se comprobó que el Mayor no era un jefe apócrifo, sino auténtico, y que mintió al decir que estaba representando una comedia” (Arlt, 2005, p. 101).

Qual é a verdade? Quem a domina? Segundo Gilman (1993, p. 84): “Es imposible determinar, en la legalidad sospechosa que instaura la novela, si el narrador sabe más de lo que declara saber, engaña o elabora una ficción.” A questão que se segue é: quem conta a história e de que perspectiva?

No romance de Arlt, o Comentador “traí” a fidelidade expressa às confissões de *Erdosain* e muda a perspectiva da narração para o ponto de vista de outros personagens, chegando a contaminar sua voz com a do *Astrólogo*, por exemplo, no capítulo *Sensación de lo subconciente*, através do discurso indireto livre:

El Astrólogo siente recobrada su personalidad, que la sensación del tiempo extraño le había arrebatado.

Piensa, piensa que es posible fabricar acero níquel y construir cañones de tubos enchufados. ¿Por qué no? Su pensamiento se desliza ahora sobre los obstáculos con flexibilidad. Entonces con el dinero suministrado por los prostíbulos se comprarían en los diversos puntos de la República terrenos a un precio insignificante [...] (Arlt, 2005, p. 153).

⁷ Para aumentar a confusão, surge em determinado momento da história a figura do autor, que faz referência em uma nota a acontecimentos da história política argentina, negando que os fatos narrados no romance tenham qualquer relação com os mesmos, a pesar de coincidências tão exatas entre as declarações do Major (personagem do romance) e os revolucionários do movimento de 6 de setembro de 1930 na Argentina (Arlt, 2005, p. 98). Segundo Gilman (1993, p. 84), suspende-se com esta nota a afirmação da verdade da história: “una asunción de un exterior ‘real’ hace patente el texto como simulación del simular, esto es, literatura”.

Nesse ponto do romance, já não parece mais necessário dar um caráter verossímil ao narrado, desconhecemos quando e como se deu a conversa entre o Comentador e o *Astrólogo*, para que o primeiro lhe conhecesse as sensações e os pensamentos.

Em *Os Sertões*, após descrever o já mencionado segundo combate, a narrativa passa para a perspectiva de Canudos: algum tempo depois da luta em *Tabuleirinhos*, prevendo as conseqüências desastrosas que adviriam com a chegada dos soldados à localidade, João Abade reuniu *o resto dos homens válidos* e partiram em reforço aos companheiros. No meio do caminho, foram atingidos por uma chuva de balas e, incapazes de se esconder, “precipitaram-se, desapoderadamente, para Canudos, onde chegaram originando alarma espantoso”. No parágrafo que segue, o narrador descreve o medo e a tensão que se instalam no povo do arraial:

Não havia ilusão possível: o inimigo, dispendo de engenhos de tal ordem, ali estaria em breve, sobrestante, no rastro dos derradeiros defensores do arraial. Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado. Bandos de fugitivos, sobraçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto as mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do Santuário, implorando a presença do evangelizador (Cunha, 1995a, p. 291).

No início do relato, o narrador afirmara: “desvendemos – arquivando depoimentos de testemunhas contestes – um dos casos originais dessa campanha.” Neste momento, não acompanha nota de rodapé com nome e sobrenome do confiável depoente, ficando a pergunta: Quem seriam as testemunhas? Quem poderia depor com riqueza de detalhes sobre o pavor e a desordem instaurados no povo naquele momento? Seria verossímil supor que a representação da desordem através da imagem das *trouxas estavanadamente feitas* e das *mulheres em desalinho* fosse proveniente de testemunhas *de* Canudos ou seriam marcas da intervenção do narrador?

A desconstrução da objetividade e isenção do narrador, colocando em questão o atributo de Verdade do narrado, completa-se com o esvaziamento do discurso científico que supostamente deveria dar conta de explicar, racionalmente, o sertão e o sertanejo. Já nas cartas que o escritor enviava ao *Estado de São Paulo* em 1897, como correspondente do jornal para cobrir o conflito, declarava encontrar em *Queimadas*, “um quadro absolutamente novo, uma flora inteiramente estranha e impressionadora”, em cuja multiplicidade de espécies se perdera, diante

da qual sentira-se *ignorantemente deslumbrado*, lamentara a *ausência de uma educação prática e sólida* e reconhecera “a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos” (Cunha, 1995a, p. 559). Confrontando os limites da racionalidade científica, Euclides encontrará uma “solução prática” para sua narrativa: “a teoria do consórcio de ciência e arte”; “onde a ciência não podia resolver, fosse por suas condições teóricas de base, fosse por carência de pesquisas, a imaginação poética estava a postos para suprir o vazio que se apresentava” (Facioli em Brait, 1998, p. 54).⁸

Ao descrever as caatingas, em *A Terra*, o narrador encontra espécies *anônimas na ciência – ignoradas dos sábios, ausentes no quadro das plantas sociais brasileiras, de Humboldt*, mas que *vivem*, a despeito de seu desconhecimento e da ausência de explicações para suas condições de sobrevivência. Os *dispositivos* encontrados pelas espécies *não tão bem armadas para a reação vitoriosa*: a união, a disciplina, a congregação, a arregimentação, podem ser pensados como uma alegoria à própria capacidade de resistência do homem do sertão, dos habitantes de Canudos que, em um primeiro momento, supunha-se que seriam rapidamente vencidos e “incorporados à civilização” mas que, surpreendentemente, resistiram até a morte com dispositivos incompreensíveis. Assim como as espécies anônimas, associaram-se, em estreita solidariedade, lutaram num grande esforço e superaram a passividade:

Ali se associam. E, estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas, retêm as terras que se desagregam, e forma, ao cabo, um longo esforço, o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo – porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa... (Cunha, 1995a, p. 129).

Os *cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos*, crescem de forma incompreensível sobre as pedras. Sem procurar a explicação para tal, o narrador recorre a uma metáfora que compara a flor rubra da planta a cabeças decepadas, remetendo à imagem da degola operada pelas tropas republicanas:

Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular

⁸ Em crônica publicada em 1892, Euclides cita Spencer, para quem “a poesia, a escultura, a pintura e a música são [...] as flores da civilização”, mas segundo o qual “*se não deve abandonar a planta, a instrução científica, para cuidar antes da flor, que neste caso brotará degenerada*”; o escritor afirma, então: “tem pois razão o ilustre mestre, impondo ao poeta, além da cômoda feição contemplativa, a subordinação às leis naturais, sem a qual, por um desastroso predomínio do subjetivismo – ele descamba aos partos monstruosos dos temperamentos enfermos” (Cunha, 1995, p. 673).

de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica (Cunha, 1995a: 130).

Em *O Homem*, demonstra-se cabalmente a superioridade da raça branca e a inevitabilidade de sua supremacia sobre as outras raças, que se imporia pelo avanço inexorável da civilização nos moldes europeus; tratar-se-ia de uma *lei* proveniente da aplicação da seleção natural à evolução das sociedades, pautada nas teorias de Darwin e Spencer. O homem brasileiro deveria evoluir biologicamente, progredir socialmente, civilizar-se, branquear-se: “A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos” (Cunha, 1995a, p. 149). O jagunço, atrasado e inferior, seria esmagado pela civilização, sua irracionalidade seria combatida com os preceitos da ordem e do progresso que conduziam as tropas republicanas. Entretanto, o jagunço revelara-se mais heróico e resistente do que se imaginara e o exército republicano mais bárbaro e irracional do que se poderia tolerar. Tomado por esse espanto e incapaz de compreender e explicar os desenlaces dessa campanha supostamente vitoriosa, o narrador construirá paradoxalmente uma imagem do jagunço forte e heróico, definindo-o como *rocha viva da nacionalidade*.

Ao concluir o *Diário de uma Expedição*, o correspondente de o *Estado de São Paulo* afirma: “O ataque foi *lógico*, imposto severamente pelas *razões* mais sólidas e o seu plano, perfeitamente bem concebido [...]. *Tudo*, porém, são *surpresas* nesta campanha original” (Cunha, 1995a, p. 601; itálicos da autora). A admiração pela inesperada resistência de Canudos anunciara-se ao longo das cartas:

O imprevisto tem exercido sobre a nossa existência política uma ação tão persistente que deve entrar como elemento preponderante em todas as combinações; é preciso contar com ele; é preciso esperar – o inesperado...
Somos irresistivelmente levados a considerar a campanha, em vez de próxima ao seu termo, sob a sua feição primitiva, incompreensível, misteriosa.
Incompreensível e bárbaro inimigo! (Cunha, 1995a, p. 530, 536 e 588)

A incompreensão em relação à capacidade de luta e sobrevivência transforma-se paulatinamente em admiração pelo sertanejo:

Como explicar essa prodigalidade enorme dos *jagunços*? [...] Os *jagunços* lutam agora pela vida, no sentido mais estrito da frase. Lavra entre eles a sede e as cacimbas ali estão, a poucos metros apenas, em nosso poder.
Mas não vacilam, não recuam, não se entregam, e atiram, atiram sempre dentro de um círculo de fogo formado pelas armas vivamente disparadas de seus batalhões (Cunha, 1995a, p. 584).

As verdades tornam-se incertas, as perguntas irrespondíveis, as informações escassas, as contradições latentes:

Estas interrogativas avultam em meu espírito desde o dia em que procurando tirar uma média das opiniões que aqui circulam não o consegui e compreendi que grande parte dos que voltam daquelas paragens desconhece a situação tanto quanto os que lá não foram.

[...]

Procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sísifo (Cunha, 1995a, p. 537).

A imagem do jagunço passa a ser estilizada:

E o adversário *atrevido* conseguiu em parte realizar o intento que o levava ao ataque: alguns mais *audaciosos* desceram ao leito do rio, *desafiando a morte*, caindo pelos barrancos, batidos pelas trincheiras, alvejados a queima-roupa quase – *rápidos e ágeis e terríveis* – enchendo as vasilhas e voltando prontamente, *galgando velozmente* a barranca, perdendo-se entre os escombros da igreja nova...

Presenciei de longe as evoluções de um desses *seres fantásticos*, agitandose, meio afogado na noite, *indistinto como um duende*.

[...]

Com a temperatura máxima de 33°, à sombra destes dias, deve ser cruelíssimo o martírio dessa *gente indomável e custa a compreender a energia soberana que os alevanta* por tal modo acima das imposições mais rudes da matéria.

[...]

São *incompreensíveis* quase tais lances de *heroísmos* (Cunha, 1995a, p. 585 e 587; itálicos da autora).

As apreciações subjetivas sobrepõem-se às explicações racionais e científicas,⁹ o jagunço é elevado a um plano quase místico e sobrenatural, de *seres fantásticos* e *duendes* e estilizado como “herói tragicamente extinto” (Bolle, 2004, p. 38):¹⁰

Mas o jagunço não era afeito à luta regular. Fora até demasia de frase caracterizá-lo inimigo, termo extemporâneo, esquisito eufemismo suplantando o “bandido famigerado” da literatura marcial das ordens do dia. O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais.[...] Canudos só seria conquistado casa por casa. [...] E no último dia de sua resistência inconcebível, como bem poucas idênticas na história, os seus últimos defensores, três ou quatro anônimos, três ou quatro magros titãs famintos e andrajosos, iriam queimar os últimos cartuchos em cima de seis mil homens! (Cunha, 1995a, p. 420).

Ao contar a *lenda das balas explosivas dos jagunços*, propalada entre os soldados que a essa altura do combate já lhes atribuíam *recursos extraordinários*, como balas de *efeitos extravagantes*, o

⁹ Capela (2004, p. 131) analisa o “apelo à narratividade” como “uma maneira de alargar, ou ultrapassar, os limites do pensamento e da exposição adstritos aos rigores do método, com seus modelos pautados pelo cientificismo, pelo fechamento teórico”.

¹⁰ Bolle aponta para um “problema moral” envolvido nessa “dupla poética” de *Os Sertões* que não será discutido aqui.

narrador dilui uma linguagem objetiva, pautada nas *leis físicas* que explicam os fatos, em uma linguagem poética que amplia a dimensão fantástica e a percepção subjetiva dos mesmos:

Imaginavam-lhe recursos extraordinários. As próprias balas que usavam revelavam *efeitos extravagantes. Crepitavam nos ares com estalidos secos e fortes, como se arrebatassem em estilhaços inúmeros*. Criou-se, então, a lenda, depois insistentemente propalada, das balas explosivas dos jagunços. Tudo a sugeria. Aceita ainda a *hipótese* de previrem os estalos do *desigual coeficiente de dilatação* entre os metais constituintes do projétil, expandindo-se o *núcleo de chumbo* mais rapidamente do que a camisa de aço, a natureza *excepcional* dos ferimentos afigurava-se *eloqüentíssima*: a bala, que penetrava os corpos mal deixando visível o círculo do diminuto calibre, saía por um rombo largo de tecidos e *ossos esmigalhados*. Tais fatos arraigavam na soldadesca, inapta ao apercebimento da lei física que os explicava, a convicção de que o adversário, terrivelmente aparelhado, requintava no estadear a *selvageria impiedosa* (Cunha, 1995a, p. 402; itálicos da autora).

As metáforas e a hiperbolização dos sentidos, através da adjetivação contundente, combinam-se ao discurso de domínio científico, retirando-lhe a objetividade e isenção axiológica e tornando-o parte de um hibridismo que, em última instância, esvazia cada um de seus constituintes em uma nova forma singular.¹¹

Essa “mistura de elementos” é apontada também como uma das características do discurso arltiano, entendida como a intromissão de elementos estranhos que desestabiliza o previsível e nos defronta com a incerteza. Segundo Kulikowski (1997, p. 156 e 161), “o contato interdiscursivo aparece como estratégia dialógica que, a partir do enfrentamento, vai esvaziando e subvertendo os sucessivos discursos, pois através deles o personagem encontra simbolicamente o fracasso”.¹²

A incorporação do discurso técnico-científico nos romances de Arlt não “é uma simples menção ou comentário, mas a presença formal no enunciado: uma retórica discursiva baseada na exatidão, na precisão e na objetividade” (Kulikowski, 1997, p. 177). Em *Los lanzallamas*, por exemplo, o narrador descreve com precisão o processo de fabricação de gás fosgênio: “los dos gases, cloro y óxido de carbono, se combinan en la base de una torre de diez metros de altura, cargada de carbón vegetal constantemente humedecido por una lluvia de agua” (Arlt, 2005a, p.

¹¹ Antelo (2004, p.18) discute a leitura de *Os Sertões* em sua “heterogeneidade discursiva” e aponta para a idéia, segundo ele, bataillana, “de que a heterogeneidade discursiva é, acima de tudo, heterogeneidade axiológica.”

¹² A autora apresenta a “heterogeneidade discursiva” como uma das características do *grotesco* em Roberto Arlt, como uma “incorporação de discursos alheios e dissimiles” que gera um “efeito de estranheza e distanciamento” (Kulikowski, 1997, p. 156-157).

195). O desenho do aparelho inventado por Erdosain para fabricar o gás e, com ele, produzir os gases que destruirão o mundo, seguindo os planos da *Sociedad Secreta*, ocupa uma página inteira do capítulo. Aliado ao discurso científico, aparece o estratégico-militar, com a citação das palavras de Foch, “director de combates de la última guerra”: “la guerra química se caracteriza por producir los efectos más terribles en los espacios extendidos” (Arlt, 2005a, p. 194). A seriedade do projeto, entretanto, é quebrada pela situação hilária que se sucede: enquanto o Astrólogo lia o projeto de *Erdosain*, este viu avançar, por debaixo da porta, uma extensa mancha de sangue, perguntando:

- ¿Hay un muerto allí al lado?
 - Sí, hay un muerto...pero está muy bien su memoria. Lástima que no le haya agregado los planos e instrucciones para instalar simultáneamente junto a ella una fábrica de cloro y otra de óxido de carbono.
 - ¿Quién es el muerto?
- (Arlt, 2005a, p. 200)

O projeto se reduz a nada no desenrolar dos acontecimentos, em que cada personagem segue seu caminho isolado. O conhecimento que *Erdosain* detinha, que lhe permitira elaborar o projeto e obter reconhecimento no grupo de associados chefiados pelo *Astrólogo*,¹³ não o impede, entretanto, de terminar fracassado, suicidando-se numa linha de trem.

Analogamente, o relato da campanha de Canudos termina com o anúncio de um fracasso, ao contrário da tão proclamada e aguardada vitória que, a essa altura, tornara-se uma dúvida. Ao ver os prisioneiros de Canudos chegando,

Os combatentes contemplavam-nos entristecidos. Surpreendiam-se; comoviam-se. O arraial, *in extremis*, punha-lhes adiante, naquele armistício transitório, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo. Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante três meses. Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos mulambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros -- *a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava.* Era, com efeito, contraproducente compensação a tão luxuosos gastos de combates, de reveses e de milhares de vidas, o apresamento daquela caqueirada humana -- do mesmo passo angulhenta e sinistra, entre trágica e imunda, passando-lhes pelos olhos, num longo enxurro de carcaças e molambos... (Cunha, 1995a, p. 510; itálicos da autora)

¹³ Em *Los siete locos*, outro integrante do grupo, o *Buscador de Oro*, diz a *Erdosain*. “¿Sabe que es formidable su proyecto de hacer la revolución social con bacilos de peste?” (Arlt, 2005: 106).

E a única certeza que restara era um fracasso, o fracasso da razão e da ciência para explicar o acontecido:

A história militar é toda feita de contrastes singulares. Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo.
É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...
(Cunha, 1995a, p. 278 e 515)

Através da ficcionalização, desafiariam-se os limites dos paradigmas teóricos dominantes, não os ignorando, mas explorando seus paradoxos. Conforme Scramin (2004, p. 108),

Euclides da Cunha não dá adeus a um mundo perdido para sempre, ao contrário saúda uma nova era, bastante complexa e paradoxal, uma vez que se trata de refletir sobre a implementação do moderno em uma sociedade de bases arcaicas. A melhor maneira de lidar com o paradoxo é criando outros paradoxos.

Em Arlt e Euclides, a escritura paradoxal seria uma forma de representar as contradições de discursos totalizantes e expressar as fraturas de suas tentativas de dar conta de uma explicação cabal para o real, uma forma de colocar em xeque as noções de Verdade, Objetividade, Ciência, Progresso, Civilização...

No projeto imaginado pelo *Astrólogo* e na idealização da cidade de *Erdosain*, a única alternativa para a rua sem saída da realidade social seria *voltar atrás*, a sociedade estaria fundada em uma *mentira metafísica* e *toda ciência seria magia*. Na crônica *Olhemos para os Sertões*, o narrador euclidiano faz a ressalva: “Não nos absorvamos *de todo* no contemplar o espantelho dessa *civilização suspeita*”. Alguns anos depois, em *A verdade e o erro*, afirmaria: “Em toda a parte todas as noções se alteram porque a *verdade é móvel*; é, como a vida, um fato complexo ‘que continua’, de sorte que as noções se transmudam, envolvendo, à medida que se vão desvendando novas propriedades” (Cunha, 1995, p. 553 e 507; itálicos da autora). O paulatino desencanto com os indicadores do progresso traria à tona o embuste da civilização burguesa e faria emergir uma escrita que revelasse a tragicomédia da vida moderna.

Bibliografia

ANTELO, Raúl (2004), “Séries e Sertão”, em Scramin, Susana (org), *Outra travessia*, Revista de Literatura, nº 2, Florianópolis/Curso de Pós-Graduação em Literatura, pp. 13-22.

ARLT, Roberto, (2005), *Los siete locos*, Buenos Aires, Centro Editor de Cultura.

_____. (2005a), *Los lanzallamas*, Buenos Aires, Centro Editor de Cultura.

BERNUCCI, Leopoldo (1995), *A imitação dos sentidos (Prólogos contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha)*, São Paulo, Edusp.

BOLLE, Willi (2004), *Grandesertão.br*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34.

CAPDEVILA, Anália (2002), “Las novelas de Arlt. Un realismo para la modernidad”, em Jitrik, Noé, *Historia crítica de la Literatura Argentina*, Buenos Aires, Emecé, vol. 6.

CAPELA, Carlos Eduardo (2004), “Esse ser tão estrangeiro”, em Scramin, Susana (org), *Outra travessia*, Revista de Literatura, nº 2, Florianópolis/Curso de Pós-Graduação em Literatura, pp. 115-133.

CUNHA, Euclides da (1995), *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, vol I.

_____. (1995a), *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, vol II.

FACIOLI, Valentin (1998), “Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio)”, em Brait, Beth (org), *O Sertão e os Sertões*, São Paulo, Edusp.

GILMAN, Claudia (1993), “*Los siete locos*, novela sospechosa de Roberto Arlt”, *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 11, pp. 77-94.

KULIKOWSKI, Maria Z. Moriondo (1997), *Seria cômico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt*, São Paulo/USP, Tese de Doutorado.

LIMA, Luiz Costa, “Os Sertões: ciência ou literatura”, *Diálogos latinoamericanos*, nº 2, pp. 39-48.

SCRAMIN, Susana (2004), “Literatura em transe”, em _____. (org), *Outra travessia*, Revista de Literatura, nº 2, Florianópolis/Curso de Pós-Graduação em Literatura, pp. 99-113.

SEVCENKO, Nicolau (2003), *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Companhia das Letras.